

Por não aceitar as diferenças

Atitudes intolerantes fundamentam-se, apontam os especialistas, na recusa aos valores e escolhas alheias. Exemplos têm sido recorrentes nos últimos anos

• Diogenes Barbosa •

• diogenesbarbosa@asces.edu.br •

As questões da intolerância voltam a estar em evidência no cenário internacional. E, com elas, novos questionamentos sobre a origem de um sentimento que impossibilita às pessoas respeitar as escolhas individuais ou de grupos, de conviver em harmonia e aceitar as diferenças.

E não é preciso muito esforço para conseguir exemplos concretos desta questão. Dados oficiais registram um crescimento, por exemplo, no número de denúncias por casos de desrespeito, discriminação ou racismo. Segundo dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, entre 2011 e 2016 houve um aumento de 1.206% no número de registros de intolerância religiosa (de 15 para 196 registros), pelo Disque Direitos Humanos (Disque 100).

Os casos de discriminação racial ou étnica saltaram de 160

(em 2015) para 291 (em 2016) – somente os que foram contabilizados pelo Disque Direitos Humanos. Neste contexto, estão inclusos casos de humilhação, hostilização, ameaça, calúnia/injúria/ difamação, perseguição e até mesmo chantagem, segundo os parâmetros de classificação do próprio sistema.

Tratam-se de questões que partem do princípio da recusa em aceitar o diferente. É isso que destaca Gustavo Gomes, Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolve pesquisas, há ao menos 10 anos, sobre questões como diretos humanos, gênero e sexualidade.

Neste cenário, indica que o momento atual é de ascensão das práticas e discursos intolerantes. “Estamos vivenciando um momento de fortalecimento da intolerância. Trata-se de uma sociedade que tem dado pouco espaço para a diferença”, reforça

Arte: Emmanuel Lima

ele, ao destacar que este é um movimento que tem conquistado força nos últimos anos.

Gustavo observa que expressões de intolerância, que antes não tinham espaço na sociedade, têm sido aceitas. “Dentro das relações sociais as pessoas têm confundido discursos de ódio, com liberdade de expressão”, pontua.

O pesquisador faz alusão ao espaço que tem sido aberto em novas plataformas de comunicação/interação social, para que as pessoas possam se posicio-

nar. Cita como exemplo a ideia de que nestes espaços online as pessoas podem expor seus posicionamentos, livremente, e que isso coloca estas plataformas como os espaços onde mais observa-se novos casos de desrespeito.

Ele observa, ainda, que muito deste discurso não fica somente no espaço virtual. “E, para confirmar isto, nós temos o aumento no número de casos de violência contra a mulher, contra negros, contra estrangeiros. Casos de injúria, discriminação,

que passam a ser constatados com muita frequência”, complementa.

Para Gustavo, o ser humano não tem uma essência naturalmente malvada. Muitos discursos neste sentido seriam disseminados porque, para ele, há aí uma relação de poder. Logo explica: “o discurso de ódio é utilizado por grupos dominantes, por exemplo, para legitimar as suas posições de poder, para impor sua vontade sobre outros grupos”.

Mas não somente por grupos que já estão no poder. Outros, que também lutam para tê-lo, se utilizariam de argumentos com estas fundamentações. Aí, retoma-se a ideia de fazer uso do desrespeito, do menosprezo, em relação a uma pessoa, uma causa, um posicionamento.

O entendimento da psicologia

Paralelamente, também é possível destacar outras influências que podem conduzir uma pessoa a uma atitude intolerante. Estas, muito mais íntimas e, muitas vezes, silenciosas. É isso que observa a psicóloga Shirley Freitas. Ela destaca que o ser humano tem uma necessidade natural pela competição, e que nem sempre as regras destas disputas são muito claras, o que gera outras situações.

“Um exemplo seriam as lutas marciais. Em uma luta, você determina as regras e ali estabelece limites. Porém, o ser humano vem desequilibrado este movimento do respeito às regras: do que é a cultura do outro, do que



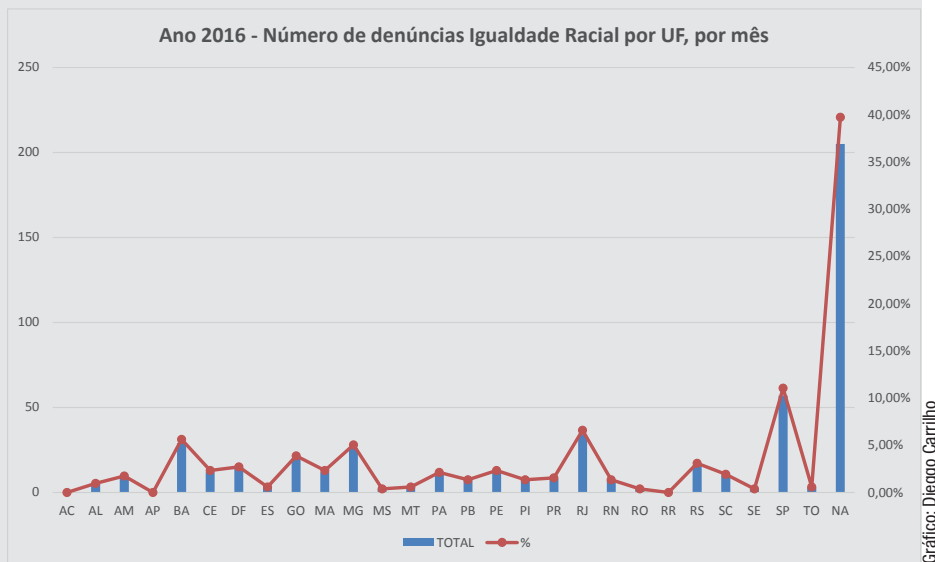


Gráfico: Dieggo Carrilho

Dados indicam aumentos nos casos de calúnia, humilhação e perseguição no país do 'homem cordial'

é o modelo de mundo do outro e começa a desandar para uma questão de impor o que outro pense, sinta, veja. O ser humano tende a subjugar o outro pra se sentir mais forte, como qualquer outro animal”, analisa Freitas.

Seguindo esta linha de raciocínio, a especialista destaca que não trata-se de um movimento novo. Lembra, por exemplo, que esta imposição está relacionada à crença de que seus conceitos devem ser tidos como verdades. Traz como exemplo o processo de evangelização dos índios por parte dos jesuítas, logo após chegarem ao Brasil.

A psicóloga retoma a discussão destacando que, apesar da evolução nas relações sociais, por exemplo, têm-se que considerar algumas variáveis. “É insano o ser humano que consegue ir à lua, que consegue mandar um satélite para tentar sair deste sistema solar - a sei lá quantos anos luz de distância -, que constrói uma tecnologia fabulosa, não conseguir parar

de se agredir, parar de cometer barbáries”, reflete.

Na grande maioria das vezes, a intolerância estaria atrelada a outras questões psíquicas, que podem ou não manifestar-se claramente. “Existem desequilíbrios hormonais, mentais, que culminam em uma pressão social. Hoje se fala muito que determinada pessoa é ‘bipolar’. Mas a bipolaridade tem uma característica orgânica nos hormônios, não é somente estar de mal humor de manhã e à tarde já fiquei bem”, exemplifica.

Mas não somente a isso. Dá o exemplo de um pai que, aos 70 anos, descobriu que o filho era homossexual, e passou a tratá-lo com ignorância, e proibir que saísse de casa em determinados horários ou mesmo com algumas companhias. Com acompanhamento, percebeu-se que aquele pai estava com medo que o filho sofresse algum tipo de represália, porque ele havia passado a vida direcionando comentários preconceituosos/maldosos para homens que

sentem atração por pessoas do mesmo sexo. “Então, muitas das intolerâncias têm relação com o amor manifesto de uma forma grosseira, de uma forma agressiva”, complementa.

Retomando aos princípios

Gustavo Gomes registra que instituições como a grande mídia têm exercido um papel considerado por ele como “lastimável” no enfrentamento a estes posicionamentos. O contexto político também estaria favorecendo a disseminação destas ideias. “Isso tem me preocupado, seja enquanto cidadão, seja enquanto pesquisador de áreas que trabalham com estas questões”, registra.

Para Gustavo, em termos de relação social, o discurso intolerante pode facilmente ser desconstruído. Destaca que, normalmente, estes argumentos têm como fundamentação visões parciais (que não consideram todo o contexto), e ideias do senso comum, ou seja, que não tem embasamento crítico ou científico.

Os depoimentos da psicóloga indicam possibilidades de mudança para uma pessoa que costuma ter atitudes intolerantes. Começando pelo reconhecimento de valores comuns para o indivíduo em particular, bem como para uma relação em sociedade (o ato de manter contato com diferentes pessoas, uma relação de troca de aprendizados, expressão de respeito e de reconhecimento da importância do outro, inclusive com suas diferenças).